

Mauro Silper abre mostra "Intracenas"

Artista expõe suas produções recentes na Galeria Beatriz Abi-Acl

RICARDO ALBERTO/ALTAÇÃO



Um dos trabalhos: inspiração veio de letra de Chico Buarque

Com o título de "Intracenas", que significa "estar no âmago", "no interior, dentro da cena", ao ponto de uma se ligar à outra em composições e intenções, o artista plástico Mauro Silper abre exposição individual hoje, às 19 horas, na Galeria de Arte Beatriz Abi-Acl (Rua Santa Catarina, 1.155, Lourdes).

A mostra fica aberta ao público até 23 de junho, sempre das 9 às 18 horas, de segunda a sexta-feira, e das 9 às 13 horas, aos sábados.

O artista explica que a ideia — ou inspiração — para criar as obras, todas inéditas, veio de uma frase pinçada da letra de uma música composta por Chico Buarque de Holanda, que diz: "A cidade não mora mais em mim".

A partir daí, Silper começou sua pesquisa e acabou por encontrar o elo que liga o tema à linha de trabalho que vem desenvolvendo já há algum tempo: abordar as cidades e campos e sua interligação com o homem.

O fenômeno da "conurbação", processo que dá origem à formação das regiões metropolitanas e das megalópoles e ocorre em função do crescimento das cidades, levando-as a se unirem umas às outras, foi registrado pelo artista em aproximadamente 30 obras, entre painéis pintados em acrílica sobre pranchas de Eucatex e desenhos aquarelados feitos em acrílica sobre cartão flexcot.

Mauro Silper considera que as qualidades básicas para desenvolver uma ideia devem estar prontas e afloradas, e que para isso é preciso ter concentração, inspiração e memória. "O que interessa não é o fato, mas a leitura

que se faz desse fato", diz, acrescentando serem imprescindíveis o talento e a autoconfiança, ou seja, "a certeza absoluta de que se é capaz de fazer".

No cinema usa-se fazer as story-boards que são os desenhos das principais cenas de um filme. Apropriando-se desse método, ele desenvolveu também cenas que falam entre si. Todas as suas obras foram primeiramente esboçadas em miniaturas em preto e branco e depois transpostas para os painéis e papel-cartão, em cores fortes, luminosas e vibrantes.

Quem visitar a exposição perceberá que há uma linha

"O que interessa não é o fato, mas a leitura que se faz desse fato", diz o artista, que é autodidata

sequencial: primeiro, Silper pintou o silêncio e a paz das montanhas, com sua proteção e isolamento naturais, seguidos pelas cenas da ameaça — ou como ele mesmo questiona se não seria salvação — da metrópole aproximando-se cada vez mais no horizonte de um pacato pedaço de chão.

Algumas cenas registram o êxodo para outros lugares, cada vez mais distantes e pobres. Novas paisagens urbanas são constituídas, nas quais o encantamento com o progresso e o novo cria a ilusão de uma vida melhor.